

## **A pequena e média empresa contribuindo para redução de gases do efeito estufa**

*Divaldo Rezende*

Quando observamos o esforço das empresas nos assuntos relacionados a redução de emissões de gases do efeito estufa, sempre nos vem a mente grandes nomes da indústria brasileira, e principalmente o setor de energia renováveis, como Vale, Petrobras, Gerdau entre outras. Mas as pequenas e médias indústrias do setor de cerâmica vermelha vêm se destacando na geração de créditos de carbono no Brasil. Por meio de programas de substituição do combustível usado para acender os fornos onde são produzidos os tijolos, blocos e telhas, essas pequenas empresas, além de reduzirem as emissões, contribuem para evitar o desmatamento.

Isso mostra que um pensamento mais sustentável e estratégico está passando na cabeça dos empresários do setor. Geralmente, as cerâmicas utilizam lenha nativa sem plano de reflorestamento para acender e aquecer os fornos. Porém, a utilização de biomassa renovável, uma maneira mais limpa de realizar esse processo, pode ser mais econômica e sustentável.

Aqui no Brasil, o que se vê muito é a utilização da Metodologia do Carbono Social ([www.socialcarbon.org](http://www.socialcarbon.org)) nas cerâmicas para gerarem os créditos. Esta metodologia, além de trocar a lenha por biomassa renovável, como serragem, bagaço de cana, caroço de açaí, capim-elefante, entre outros, também avalia o desempenho social, humano, financeiro, biodiversidade natural e carbono dos projetos nas cerâmicas.

Apesar de pouco conhecida do grande público, essa prática é bem difundida nas regiões produtoras do Tocantins, Pernambuco, São Paulo, Amazonas, Ceará, Pará e Rio de Janeiro. As cerâmicas que já aplicam essa metodologia e geram os créditos de carbono se destacam no mercado e levam muita vantagem competitiva em relação às cerâmicas que ainda utilizam lenha nativa como combustível.

Um exemplo claro disso são os compradores dos créditos dessas cerâmicas. O Banco Mundial neutralizou suas emissões com a compra de créditos de cerâmicas de diversas regiões do país que aplicam a metodologia. A mesma linha seguiu a marca de roupas Osklen, que optou por compensar suas emissões com a aquisição de créditos da cerâmica Irmãos Fredi, de Presidente Epitácio (SP). A Natura também contou com os créditos de carbono de cerâmicas do Tocantins e do Pará para realizar um dos programas de sustentabilidade empresarial mais reconhecidos do país.

O reconhecimento da produção sustentável dessas cerâmicas não para por aí. A Cerâmica Lucevans, de Panorama (SP), foi eleita pelo Sebrae-SP uma das 99 empresas inovadoras do estado de São Paulo. Já a Cerâmica Luara, também de Panorama (SP), recebeu o Prêmio de Mérito Ambiental da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), por seu projeto de substituição de combustível. Estavam na disputa gigantes como Toyota, Baxter e Klabin.

As alterações climáticas estão afetando de forma substancial o modo como as empresas fazem negócios. Seja porque têm de enfrentar novos riscos, seja porque viram oportunidades ou sofrem pressões de consumidores, governos e organizações não governamentais. As cerâmicas estão provando que é possível contribuir para a redução dos gases do efeito estufa dentro da lógica sustentável e ainda ganhar dinheiro. Estes exemplos, das pequenas e médias indústrias, valem a pena ser conhecidos e respeitados.

REZENDE, Divaldo. A pequena e média empresa contribuindo para redução de gases do efeito estufa. **Revista Envolverde**. São Paulo, ago. 2009. Disponível em: <<http://envolverde.ig.com.br>>. Acesso em 28 ago. 2009.